

Heidegger: ser-no-mundo e as consequências pragmáticas na linguagem

Heidegger: being-in-the-world and the pragmatic consequences of the language

FERNANDO A. GRUMICKER¹

Resumo: O presente estudo visa demonstrar as relações entre a ontologia de Heidegger ao tratar da questão do ser e suas relações com a linguagem. O estudo procura apontar sobre o sentido dos usos como uma abordagem pragmática. A descrição do ser apontada por Heidegger nos coloca diante da questão do ser-no-mundo, enquanto um ente que difere de outros em sua forma de lidar com os entes. Assim, o *Dasein* opera com a linguagem mediante uma relação com o mundo que lhe é mais próprio, onde a relação com o mundo volta-se para o sentido dos entes (em particular) e do ser (em geral). Trataremos metodologicamente de uma reconstrução da argumentação de Heidegger sobre o problema do ser e dos usos das designações de ser, mediante os sentidos de usos.

Palavras-chave: Filosofia. Heidegger. Linguagem. Pragmatismo

Abstract: The present study aims to demonstrate the relationships between Heidegger's ontology when dealing with the issue of being and its relationships with language. The study seeks to point out the meaning of uses as a pragmatic approach. The description of being pointed out by Heidegger puts us before the question of being-in-the-world, as an entity that differs from others in its way of dealing with entities. Thus, *Dasein* operates with language through a relationship with the world that is most specific for, where the relationship with the world turns to the meaning of beings (in particular) and being (in general). We will methodologically deal with a reconstruction of Heidegger's argument on the problem of being and the uses of the designations of being, through the meanings of uses.

Keywords: Philosophy. Heidegger. Language. Pragmatism.

As obras de Martin Heidegger (1889-1976) em suas composições teóricas e intelectuais são bastante diversas tematicamente. Abordaremos neste presente estudo, como critério de delimitação, as obras de Heidegger “Ontologia e Linguagem: hermenêutica da facticidade” (1997) e tópicos da primeira parte de

¹ Mestrando do programa de pós-graduação em Filosofia (linha de pesquisa: metafísica e conhecimento) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: grumickerfernando@gmail.com

“Ser e tempo” (1927). Temos como objetivo destacar uma abordagem pragmatista da linguagem. Trataremos de abordar a designação heideggeriana do Dasein (ser-no-mundo²), e mediante tal conceito, buscaremos indicar traços pragmáticos iniciais na filosofia de Heidegger e em sua construção argumentativa da designação ocasional (*vida fática*³) para os usos das palavras.

Com o termo *pragmatismo linguístico* entendemos uma maneira de lidar com significados em sentenças da linguagem. Os meios pelos quais os conceitos, termos, designações (referências) de uma palavra e sentenças adquirem o seu sentido mediante os seus aspectos práticos e relacionais. Heidegger aponta em *Ontologia e Linguagem: hermenêutica da facticidade*, diversos aspectos sobre os quais o sentido de uma palavra é adquirido, e onde a pergunta pelo ser é condicionada ao sentido de ser que está *lançado*. Não através de uma teoria do significado, mas mediante uma relação do ser-no-mundo com um campo aberto de sentido⁴. O aspecto de pragmatismo de Heidegger que queremos apontar são a) de indagação ontológica e b) do significado linguístico. Em um primeiro momento, sobre o que admitimos como existentes, e em segundo, sobre o que admitimos como palavras, sentenças, e conceitos significativos. Onde estes dois pontos se encontram indissociáveis tanto do modo de ser-no-mundo fático na historicidade quanto nos aspectos de usos de conceitos ligados com a tradição ocidental, legados por ela e operantes como parte da cultura.

O presente artigo é conduzido pelos seguintes tópicos e pode ser resumidos por eles: I- Crítica de Heidegger em relação com a tradição sobre a hipostasia conceitual; II- Abandono da pergunta sobre “o que é” em detrimento do “como”; III- Uma abordagem contextual da linguagem; IV- O sentido em suas relações com os fenômenos.

² Procuramos interpretar o *Dasein* como ser-no-mundo, mediante a compreensão de um ser que está lançado em um mundo (ser-aí), ou seja, em um ambiente, em uma localização prévia, e sobretudo, em um campo de sentido fático.

³ Segundo Heidegger (2012, p. 14): “‘vida fática’ quer dizer: nosso próprio ser-aí enquanto ‘aí’ em qualquer expressão aberta no tocante a seu ser em seu caráter ontológico”.

⁴ Com *campo de sentido*, não estamos nos referindo com uma semântica da linguagem, mas antes de tudo, ao modo pelo qual o ser-no-mundo lida com os entes particulares e na medida em que lhe são significativos.

Heidegger trata do tema esquecimento do ser como uma problemática que permeia a tradição da metafísica desde a antiguidade clássica até a modernidade, tal esquecimento remete a uma interpretação histórica da metafísica no campo da história da filosofia ocidental. O esquecimento do ser é uma determinação da hipostasia conceitual na tradição metafísica. Heidegger aponta que determinadas terminologias utilizadas na linguagem pela tradição ocidental no campo da investigação metafísica carecem de definição precisa e geram obscuridade, uma vez que a questão do ser em geral permanece no nível da investigação de entes particulares. Além disso, aponta que a história da metafísica do ocidente é a história do esquecimento do ser (Heidegger, 2005, p. 27). Que isto implica para a linguagem? Esta questão é o que procuraremos esboçar preliminarmente.

O que é a questão do ser? A pergunta elaborada pela ontologia a respeito de um dado universal abstrato. O que é ser — ou o *que quer que seja o ser* —, deve indicar não apenas classificação do que subjaz enquanto ente, mas também, o que é dito, o que pode ser afirmado do ser enquanto tal propriamente. Tal pergunta remete ao critério do que quer que seja *essencial* ao ser para que se caracterize em geral. Na introdução de *Ser e Tempo*, Heidegger comenta que o conceito de ser é o conceito mais universal, já discutido desde Platão e Aristóteles, passando pelas problemáticas da idade média, contudo, sem resolver a questão a respeito da obscuridade do ser propriamente dito e de seu caráter universal (transcendental)⁵. Essa retomada da questão a respeito do ser, antes de tudo, acompanha uma interpretação do sentido de tal universalidade.

A ontologia ocidental ao elaborar a questão do ser, depara-se com o problema da fixação dos entes enquanto possuidores de um ser. O ser em geral, no entanto, não é designado pelo apontamento dos entes particulares. Se para Platão, em *Parmênides*, a universalidade era compartilhada pelos individuais para a designação do ser (particular), esta universalidade não é concebida apenas pela contemplação dos particulares, mas antes pelo εἶδος. Assim como para Aristóteles, o ser como

⁵ Tratamos da discussão sobre os universais em um aspecto histórico em: *Do método de investigação de Ockham ao pensamento científico moderno*. In: Revista DIAPHONÍA, v. 8, n. 1, p. 33-48, 2022.

questão metafísica deveria indicar um subjacente, um *ὑποκείμενον* a subsistir enquanto núcleo de designação dos entes particulares. No entanto, os entes particulares foram conduzidos para a investigação empírica nas ciências positivas no decorrer da história ocidental. A conversação histórica ocidental desde os gregos, sobre o primado ontológico do ser, foi conduzida para os entes particulares em seus recortes empíricos-objetivos.

A maneira de tratar o ser enquanto ente abstraído, para Heidegger, é derivada de um racionalismo malconduzido⁶, uma vez que é apenas uma das diversas formas do ser em um mundo. Para justificar esta última afirmação, precisamos buscar onde Heidegger a coloca. É justamente nas partes iniciais de *Ser e Tempo* que Heidegger comenta que a questão do ser em seu viés empírico instrumental é apenas uma das diversas maneiras pelas quais a civilização se postulou, desde Bacon, Galileu, Descartes, Newton; em suma, do mecanicismo ao positivismo:

A investigação ontológica que se compreende corretamente confere à questão do ser um primado ontológico que vai muito além de simplesmente retomar uma tradição veneranda e um problema até agora não esclarecido. Mas o primado objetivo-científico não é o único (Heidegger, 2005, p. 38).

140

Temos uma outra opção além da objetivação da questão do ser, apontada por Heidegger, a opção de olhar para a tradição segundo uma interpretação acurada sobre o tratamento da questão. Mas não apenas, uma vez que nos orientemos para o como destas questões e de que maneira ela recebe várias respostas. O trabalho filosófico de Heidegger é o de procurar o sentido em um primado ontológico. Tarefa que poderá ser apreendida através da compreensão do *Dasein*.

O *Dasein* (ser-no-mundo) é a designação pela qual Heidegger trata de uma localização privilegiada do ser: o homem enquanto ser. Esta designação prévia do ser (humano) remete para a maneira pela qual este ser se encontra em relação com outros entes determinados — estamos em um mundo, em um ambiente —, esta determinação conduz para a interpretação seja a) de si mesmo (de fazer-se

⁶ Este comentário é mais elucidado por Rorty, R. In: *Ensaio sobre Heidegger e outros*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999. Trata-se mais dos aspectos objetivos-empíricos-epistêmicos em detrimento das metáforas

constantemente em relações e de lidar com o mundo), b) da localização histórica (interpretação da tradição), e c) de que todas as relações remetem a um modo de ser fático (vida fática). Esta caracterização hermenêutica de Heidegger conduz para uma caracterização prévia do ser-no-mundo.

Agora, a pergunta pelas condições de possibilidade da linguagem em um sentido kantiano, de compreender os objetos dados ao seu redor, não mais pressupõe um transcendental. Uma vez que compreender a ação sobre o mundo como fazendo-se a si mesmo é uma maneira fática de interpretação e de conceber o sentido dos objetos dados na experiência para o ser-no-mundo e de interpretá-los previamente em seus campos de sentidos.

A história da metafísica, portanto, remete a uma hipostasia. A promessa de certeza de Platão com uma ideia clara e imutável como uma imagem ideal do mundo onde a filosofia deveria responder à questão acerca da idealidade e da objetividade concreta através do pensamento técnico acerca da compreensão da realidade. O que Heidegger nos diz é que esta imagem é apenas uma das imagens que o ser-no-mundo poderia ter concebido para si mesmo; um modo de fazer-se a si mesmo como ser que lida com o mundo, que se encontra inserido nele e na história.

A abordagem requer olhar para a tradição não apenas como um repertório lexical, mas envolver-se em uma interpretação histórica sobre os usos anteriores das palavras, que permite um uso futuro diverso, polido das idiossincrasias (que carregadas nas palavras) antes utilizadas pela tradição ou mesmo possíveis de serem substituídas, seja por metáforas diferentes, sentidos diversos, concepções de mundo diferentes, e portanto, com uma interpretação dos fenômenos de maneira diversa. Essa interpretação em sentido hermenêutico aponta para a compreensão do ser-no-mundo possível de ser alterada e de se utilizar da linguagem de maneira diversa.

Este esboço preliminar sobre a questão do ser poderá nos encaminhar para adiante entre as relações da questão ontológica com a linguagem. Estes aspectos mencionados na filosofia de Heidegger já não pressupõe uma realidade a-histórica tal como em Husserl, uma pressuposição neutral a respeito de uma filosofia com indagações sobre os entes e de suas manipulações positivas. Mas remete ao uso significativo de conceitos de uma maneira contextuais e historicamente locais, em

que o ser-no-mundo, enquanto é fático, ao mesmo tempo está inserido na historicidade. Além deste aspecto, a determinação dos entes particulares como objetos das ciências:

As ciências são modos de ser da pre-sença nos quais ela também se comporta com entes que ela mesma não precisa ser. Pertence essencialmente à pre-sença ser em um mundo. Assim, a compreensão do ser, própria da pre-sença, inclui, de maneira igualmente originária, a compreensão de “mundo” e a compreensão do ser dos entes que se tornam acessíveis dentro do mundo. Dessa maneira, as ontologias que possuem por tema os entes desprovidos do modo de ser da pre-sença se fundam e motivam na estrutura ôntica da própria pre-sença, que acolhe em si a determinação de uma compreensão pré-ontológica do ser (Heidegger, 2005, p. 39-40).⁷

A afirmação de Rorty a este cenário, é de que haveria na história uma “escada rolante”⁸ que vai da promessa de certeza de Platão até as mais abrangentes técnicas de manipulações da natureza na modernidade, onde a certeza apodítica como uma maneira de desviar-se do ceticismo na postura de Kant conduziria para a objetificação e ao cientificismo nos próximos séculos:

Cada fase da história da metafísica – e em particular a viragem cartesiana para a subjetividade, de objectos de interrogação externos para internos – tem sido uma tentativa de redescrever as coisas de maneira a que esta certeza possa tornar-se possível. Mas após muitas irrupções irregulares, tornou-se claro que a única coisa acerca da qual podemos ter certeza é o que queremos. As únicas coisas que são realmente evidentes para nós são os nossos próprios desejos (Rorty, 1999, p. 57).

Que podemos fazer para ter a certeza e evidência que a tradição nos disse que deveríamos ter? Essa promessa de certeza que causou a esperança do ocidente na racionalidade foi uma promessa vazia. Heidegger nos conduz a questionar a tradição e seu legado, uma vez que a história remete a uma postulação do passado como um objeto de investigação, “como se deve objetualizar o passado de maneira teórico-científica” (Heidegger, 2012, p. 43). O ser-aí (ser-no-mundo) fático é que é propriamente o que se localiza historicamente e que ao mesmo tempo é parte da

⁷ A exegese deste parágrafo de Ser e Tempo podem ser interpretadas com a terminologia de pre-sença como ser-no-mundo (ser-aí).

⁸ Ibid, 1999, p. 55.

historicidade, não é apenas um ente entre outros entes, embora claramente os outros entes sejam entes para o ser-aí⁹.

Conceber o em-si da tradição metafísica na pergunta ontológica sobre o ser como a pergunta fundamental pelo caráter essencial, nas palavras de Heidegger:

O mostrar-se destas pode ser que resulte num aspecto tão solidificado pela tradição que nem sequer seja possível reconhecer o que tem de impropriedade, mas que é tomado como sendo próprio (...) Trata-se de chegar a apreender o assunto livre de encobrimentos, superando o ponto de partida. Para isso, é necessário trazer à luz a história do encobrimento. E necessário remontar à tradição do questionar filosófico até as fontes do assunto que está em jogo. A tradição deve ser desconstruída. Somente dessa maneira será possível uma colocação originária do próprio assunto. Este retorno coloca a filosofia novamente diante das conexões decisivas (Heidegger, 2012, p.82-83).

O que cabe para a ontologia de Heidegger não é a determinação do ser de acordo com uma criação de sistema que coloque o ser (em geral) em sua delimitação com a finalidade (telos) de se conceber os entes particulares dentro das conceitualizações do sistema eminentemente teórico. Trata-se de uma ontologia voltada para o ser-no-mundo e uma hermenêutica para a interpretação deste ser fático, deste modo, a ontologia já não é compreendida como uma investigação sobre o em geral essencial ao ser, mas a maneira pela qual o ser-no-mundo se faz, interpreta-se em sua historicidade e se relaciona interpretativamente com o mundo da maneira que lhe é própria. Uma vez que ser-aí é ser lançado, os próprios sistemas filosóficos e interpretações históricas são modos do ser-aí no tempo histórico. No entanto, o ser-no-mundo enquanto ser localizado no trato (maneiras de lidar) com os entes, permanece em questão com os entes, na medida em que são dados no campo de sentido em que o ser-no-mundo os concebe mediante fenômenos.

Todas as noções críticas sobre hipostasia apontadas por Heidegger a respeito dos conceitos como “ideia” platônica, representação das essências, dualidade entre experiência de um ente e a representação geral do ser do ente dado, são

⁹ Em que sentido ele é um ser privilegiado? O que importa para o presente estudo pragmático é a maneira pela qual este ente interpreta o seu estado e se direciona entre os entes de maneira prática.

compartilhadas por pragmatistas como o segundo Wittgenstein, Ryle, Quine e Rorty. Com a diferença de que os pragmatistas da corrente da filosofia analítica não postulam historicidade em suas abordagens sobre linguagem e em teorias do significado, tampouco são de posições de que a objetivação de tratamentos empíricos de cunho técnico atrapalhem a investigação ontológica¹⁰ sobre o sentido do que possamos considerar como ser de um ente empírico ou teórico.

II - As mudanças das perguntas em razão do como da investigação

Heidegger aponta um caminho fenomenológico para a investigação do modo do ser-no-mundo, e entende a fenomenologia mediante um como da pesquisa¹¹. O tratamento fenomenológico dado ao ser-no-mundo por Heidegger não é uma análise a respeito das condições de possibilidade transcendentais da experiência e de se conceber os fenômenos existentes da intuição de um sujeito cognoscitivo. Mas de procurar interpretar o fenômeno do ser-no-mundo e de seu entendimento [begreifen] sem categorias do entendimento, como um movimentar-se mediante entes, ou seja, de sua maneira de lidar e significar os entes e o mundo enquanto um ser-no-mundo. Este aspecto é amplamente aceite na corrente pragmática, uma vez que as noções de jogos de linguagem ou a pergunta ontológica de Quine “sobre o que há” são posturas que ressaltam, já não o sentido último de uma palavra específica que se utiliza, mas como ela é expressa e em que medida a palavra é significativa (o sentido de uma afirmação, neste aspecto pragmático, não necessariamente precisa estar relacionado com um compromisso ontológico para a inteligibilidade. O compromisso ontológico se relaciona com o referente da palavra, se a palavra denota um objeto ficcional, então terá sentido mediante o simbolismo e

¹⁰ Sobre estes aspectos ver as metáforas visuais de Wittgenstein e a metáfora da linguagem como uma caixa de ferramentas técnicas em *Investigações Filosóficas* e *A filosofia como um espelho da natureza*, de Rorty, onde este último trata de conceitos metafísicos da linguagem como metáforas para representações transcendentais da tradição que devem ser abandonadas, ou ainda, sobre as dificuldades em atribuir predicados de existência para objetos ficcionais em um diálogo com um cético na obra *De um ponto de vista lógico* de Quine.

¹¹ Heidegger, 2012, p. 82.

o uso, mas não um referente concreto como afirmara Frege¹²). Se a pergunta ontológica abstrativa até então feita se tratava de quiddidade na forma: o que é ser. Agora a pergunta possui a forma dos modos de lidar com os entes da experiência, na medida em que o ser-no-mundo os compreende como fenômenos e na medida em que o ser-no-mundo é contingente. Esta forma do ser-no-mundo de lidar com os entes, antes de tudo, está relacionado com o sentido dos entes que são compreendidos (captados) regionalmente.

Este sentido não é essencial, mas accidental. O sentido dos entes e portanto, do ser do ente circunscrito em fenômenos para o ser-no-mundo, uma vez captados, não assume uma representação transcendental do sentido do ser, mas os admite como existentes na medida em que são fenômenos com seus sentidos regionais¹³.

Estes sentidos regionais permanecem para a hermenêutica da facticidade um modo de interpretação do ser-no-mundo lançado em campos de sentidos accidentais. Aqui os sentidos tanto das proposições da linguagem não são mediadas por categorias (sejam aristotélicas ou kantianas), mas na medida em que o campo de sentido é interpretado. Esta interpretação remete a uma posição prévia do ser-no-mundo que ocorre de maneira em que os fenômenos são captados no sentido de estarem sendo (efetivos).

Deste modo, o sentido do ser no fenômeno nada mais é para o ser-no-mundo do que um campo aberto para onde ele se direciona com o intuito de compreendê-lo, de conhecê-lo e designá-lo com uma interpretação determinada e de acordo com um contexto de ambiente. É justamente esta maneira cotidiana de apreensão do fenômeno que ocorre para o ser-no-mundo uma interpretação temática com um sentido temático. O que foi apontado com a terminologia: sentido do ser no fenômeno. É o que Heidegger denomina de posição prévia.

¹² Sobre o Sentido e a Referência (1892). In: FREGE, G. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Edusp, 2009.

¹³ Um sentido regional pode ser exemplificado pelo cotidiano, pela maneira em que o ser-no-mundo lida com os seus campos de sentido; seu ambiente e sua localização histórica.

A posição prévia e indicação formal são maneiras pelas quais o ser-no-mundo se situa. Não se trata de uma compreensão a priori que possa antecipar os fenômenos da experiência, mas uma posição interpretativa dos fenômenos em um campo de sentido, mediante a sua vida fáctica os seus jogos de significações já experimentadas. Portanto, Heidegger não está postulando um psicologismo segundo categorias a priori do entendimento ou maneiras de antecipações metafísicas dos objetos empiricamente dados, uma vez que “o que dessa ou daquela maneira se possui de antemão em todo acesso ao ente e o lidar com o ente o determinaremos como posição previa”¹⁴ e indicação formal “trata-se de fazer com que a compreensão alcance o curso adequado da visão”¹⁵, isto é, do fenômeno. Esta noção exposta por Heidegger sobre o ser-no-mundo caracteriza o escopo do ser que é capaz de interpretar a si mesmo como sendo e aos entes como seres:

o primado da “existência” frente à “essência” e o ser sempre minha, já indicam que uma análise deste ente se acha diante de uma região fenomenal própria. A pre-sença não tem, nem nunca pode ter o modo de ser dos entes simplesmente dados dentro do mundo (Heidegger, 2005, p. 78-79).

146

Além deste aspecto sobre o ser-no-mundo, ainda, permanece uma questão sobre o sentido do ser dos entes regionais. Já dissemos anteriormente que o sentido do ser em geral não carece necessariamente de uma resposta que leve em consideração respostas da tradição sobre uma propriedade que é essencial e que consiga eliminar todo o acidental na definição do ser em geral. (A resposta de Quine a esta posição que concorda com Heidegger a respeito do sentido de sentenças é de que “não há lugar algum para uma filosofia a priori”¹⁶). Heidegger aponta que a interpretação sobre o sentido do ser que diz respeito ao ser-no-mundo não é essencialista. Assim, podemos conceber um sentido mediante os modos desta interpretação, não mais conduzido para a resposta sobre “o que é” o ser (em geral)

¹⁴ Heidegger, 2012, p. 86.

¹⁵ Ibid, 2012, p. 86.

¹⁶ Quine, W. A relatividade ontológica. In: Ensaio. ed. São Paulo: Abril cultural, 1975, p. 139.

— a resposta metafísica —, mas sobre o seu sentido regional — a resposta contextual — na medida em que é fenômeno para um ser- aí.

III - Uma abordagem contextual da linguagem

Heidegger destacou que a posição prévia do ser-aí (ser-no-mundo) é uma relação com os fenômenos mediados pela interpretação deste. Este lidar com os fenômenos é, por assim dizer, um lidar manual. Sobre este aspecto, há uma passagem expressiva de Heidegger em *Ontologia e Linguagem*:

A mesa apresenta alguns riscos aqui e ali - na mesa, as crianças fazem suas tarefas, é nela que elas se ocupam; estes riscos não são interrupções quaisquer da pintura, ao contrário: foram feitos pelas crianças e continuam sendo delas. Este lado não é o lado leste, nem o lado estreito é tantos centímetros mais curto que o outro, mas é o lado em que se senta a mulher ao anoitecer quando ainda deseja ler; nesta mesa levamos outrora uma discussão a respeito disso ou daquilo; aqui tomamos outrora tal decisão com um amigo (Heidegger, 2012, p. 95)

O significado de uma mesa qualquer se dá para o ser-no-mundo — e para nós, enquanto humanos-no-mundo —, mediante os seus contextos, na medida em que o objeto fenomênico é utilizado para algo; objeto que possui sentido para um ser-no-mundo de acordo com a função do objeto como existente no mundo, assim, ele é um objeto temático que possui sentido na medida em que é interpretado como sendo. Esta possibilidade de interpretação contextual lança o sentido para os entes particulares e definem o seu ser. Tal é o caráter de um lidar manual com os entes desde uma posição prévia. Vale ainda destacar que esta posição prévia não é um conteúdo a priori:

as ideias de um “eu puro” e de uma “consciência em geral” são tão pouco capazes de sustentar o a priori da subjetividade “real” que elas passam por cima, ou seja, não vêem de forma alguma os caracteres ontológicos da facticidade e da constituição ontológica da pre-sença (Heidegger, 2005, p. 299).

O significado de uma mesa qualquer se dá para o ser-no-mundo — e para nós, enquanto humanos-no-mundo —, mediante os seus contextos, na medida em que o objeto fenomênico é utilizado para algo; objeto que possui sentido para um ser-no-mundo de acordo com a função do objeto como existente no mundo, assim, ele é

um objeto temático que possui sentido na medida em que é interpretado como sendo. Esta possibilidade de interpretação contextual lança o sentido para os entes particulares e definem o seu ser. Tal é o caráter de um lidar manual com os entes desde uma posição prévia. Vale ainda destacar que esta posição prévia não é um conteúdo a priori:

as ideias de um “eu puro” e de uma “consciência em geral” são tão pouco capazes de sustentar o a priori da subjetividade “real” que elas passam por cima, ou seja, não vêem de forma alguma os caracteres ontológicos da facticidade e da constituição ontológica da pre-sença (Heidegger, 2005, p. 299).

Qual o ser em geral da mesa? A essência característica ou a propriedade que subjaz sobre a organização material do que designamos com o nome de ‘mesa’? Tais perguntas sobre uma propriedade x que poderiam definir genérica ou particularmente são deixadas de lado (são pseudo questões circunstanciais), tanto para um pragmático quanto para a posição de Heidegger a respeito da maneira pela qual empregamos a linguagem. A caracterização ontológica sobre o ser de um ente é dado pelas suas tematizações, de acordo com a interpretação do ser-aí lançado diante destes entes particulares.

148

Ser-no-mundo lançado para uma cotidianidade que é o seu meio de interpretação dos fenômenos, remete a um campo de interpretações desde uma posição prévia. A indicação formal de uma posição prévia conduz para os modos pelos quais os entes dos fenômenos se dão para o ser-no-mundo.

Tal designação apontada coincide com o pragmatismo justamente onde as sentenças são lançadas, onde os objetos são nomeados e recebem sentido suscetíveis de designações de usos. O que interpretamos como um existente dado, um fenômeno na experiência, contudo, ainda não é tratar de uma descrição do ser-no-mundo mediante uma interpretação de si mesmo, mas apenas sobre o que se fala, sobre o campo público no qual se descreve entes, pelo modo no qual o ser de um ente particular é interpretado como sendo, seja rígido, por causar dor; seja maleáveis, usados para adereços e fruição estética.

Do mesmo modo que fazemos palavras serem significativas, o ser-no-mundo também se faz mediante suas interpretações ocasionais. Este ser lançado atribui

sentido em razão da sua compreensão dos campos de sentido no qual se encontra lançado, mas onde o sentido apenas aparece na medida em que os fenômenos são interpretados; como os entes adquirem sentidos pelos mesmos modos.

Até onde o pragmático vai com Heidegger em sua abordagem? A negação das representações, apontadas por Heidegger:

A manutenção perceptiva de uma proposição sobre... já é, em si mesma, um modo de ser-no-mundo e não pode ser interpretada fí como um “processo”, através do qual um sujeito cria para si representações de alguma coisa, de tal maneira que estas representações, assim apropriadas, se conservem “dentro” para, somente então, ser possível, por vezes, a pergunta de como elas haverão de 'concordar' com a realidade (Heidegger, 2005, p. 101).

Tanto Heidegger quanto os pragmatistas de corrente analítica (o segundo Wittgenstein, Quine, Rorty) negam as figuras [Bild] representacionais. Mas as conseqüências pragmáticas na linguagem no aspecto ontológico não diz respeito aos aspectos semânticos senão na medida em que Heidegger postula um ser-no-mundo (ser- aí), que trata de lidar com o mundo e interpretá-lo. Claramente, não mais como a totalidade dos entes dados como uma representação dos fenômenos como figuras que denotam conceitos cada vez mais abstratos (da tradição filosófica), mas que tais designações conceituais estão para o ser-no-mundo como os entes são instrumentos para determinadas funções.

Se nossas palavras são apenas circunstâncias ainda nos faltaria critérios para a aplicação futura, isto é, critério para referência e sentido de um conceito, critérios para a nomeação de uma classe de entes. Para isto, vemos que a postura pragmática de Heidegger recorre à manualidade com seus aspectos instrumentais para os sentidos, tal como para Wittgenstein o critério do sentido reside nas descrições gramaticais¹⁷. O sentido de designações e sentenças, assim como de entes regionais para a interpretação do ser-aí ocasional ocorre mediante a instrumentalidade do

¹⁷ “Aprende-se o jogo assistindo como os outros jogam. Mas dizemos que é jogado de acordo com tais regras, porque um observador pode ler estas regras a partir da prática do jogo—é como uma lei natural, em cuja regência as jogadas se desenrolam. Mas, como é que o observador distingue, neste caso, um erro dos outros jogadores de uma jogada correta?” (WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Petrópolis, 2009, p. 45-46)

ente para o ser-no-mundo. Uma vez que está em um campo aberto de sentido e os instrumentos são, como consequência, portanto, as ferramentas pelas quais o ser-aí se mantém em prática com determinadas atividades, a direção do sentido aparece com a prática, *ceteris paribus*, do relacionar-se com os entes. Deste modo o ser do ente é concebido como uma designação (unidade conceitual) da prática usual na qual se encontra relacionada.

V - O pragmatismo como uma relação com o fenômeno

Comentamos na seção III o modo pelo qual o sentido é interpretado pelo ser-no mundo de maneiras contextuais, no entanto, a descrição de como este ser possui uma posição privilegiada e concebe a si mesmo mediante tal interpretação não foi esclarecida, se a indagação a respeito da ontologia se volta para o ser-no-mundo, então somos tentados a postular propriedades cognoscitivas, das propriedades representacionais¹⁸ de um sujeito para com suas relações de percepção e manuseio.

Afirmamos que o ser-no-mundo possui uma vivência (um contexto de historicidade) dos sentidos dos entes na medida em que são fenômenos, onde estes fenômenos não são representações internas, mas uma maneira prática de relacionar-se. Heidegger afirma em *Ser e Tempo*:

A manutenção perceptiva de uma proposição sobre... já é, em si mesma, um modo de ser-no-mundo e não pode ser interpretada como um “processo”, através do qual um sujeito cria para si representações de alguma coisa, de tal maneira que estas representações, assim apropriadas, se conservem “dentro” para, somente então, ser possível, por vezes, a pergunta de como elas haverão de ‘concordar’ com a realidade. (Heidegger, 2005p. 101).

Se entendemos bem a posição de Heidegger, podemos conceber que as relações não-representacionais para com os sentidos dos entes se dão em suas relações com tais entes: este é o sentido pragmático na linguagem e da manualidade.

Pois que o ser-no-mundo em sua relação com tais entes (dados em sua contingência e em sua experiência sensível, isto é, na intuição dos fenômenos), na medida em que se encontra em atividades de construções, de interpretações, de

¹⁸ Esta tendência filosófica para a representação e o dualismo foi retratada por G. Ryle na obra *Expressões sistematicamente enganadoras*, e em *The Concept Of Mind*.

fazer-se a si mesmo mediante tais relações práticas e interpretativas, também se relaciona com os fenômenos de entes de sua experiência de maneira contingencial. Não há condições a priori necessárias, a fortiori, para o uso de proposições linguísticas senão os que se encontram nas práticas relacionais e de interpretações. Isto nos conduz para uma posição de revisão dos usos conceituais da tradição, uma vez que a questão do ser, tomada de maneira geral, uma vez que “o alcance de uma situação originária pressupõe a crítica de tal desenvolvimento na história do espírito” (Heidegger 2012, p. 97) e a história da ontologia (metafísica) não trata da determinação do ser-no-mundo fático enquanto relação do ser em uma posição de interpretação dos entes.

A relação do ser-no-mundo fático com os fenômenos que se lhe apresenta não carecem de uma hipostasia para os seus respectivos usos conceituais, mas que podem adquirir um sentido linguístico mediante tais relações. Novamente, estas designações de Heidegger são ricas em termos de críticas da tradição metafísica e da hipostasia. O que abre um campo para criação conceitual mediante usos diversos dos da tradição e autênticos nas relações do ser-no-mundo com os entes.

A questão hermenêutica a respeito do ser-no-mundo é a questão da sua determinação em relação a um ser que está em um mundo de maneira fática. Sobre este aspecto, a determinação do que possui sentido de modo fático está relacionado: “ 1) no caráter de ser simplesmente dado; 2) na manifestação prévia do mundo compartilhado”¹⁹. A respeito do primeiro aspecto, o ser-no-mundo, segundo Heidegger, não se encontra em âmbito de definição, mas na medida em que pode ser descrito por comportar-se de uma determinada maneira e em suas diversas modalidades ocasionais. O segundo aspecto não se refere a nada objectual, mas traz consigo o sentido pelo qual o ser-no-mundo se encontra em abertura ocasional (cotidianas) de descrições e redescições sobre si mesmo e sobre o seu entorno.

Contudo, o ser-no-mundo enquanto tal se situa em seus aspectos de relacionar-se com o mundo, na medida em que se encontra em um mundo e na medida em que neste relacionar-se o interpreta. Este aspecto de lidar com a

¹⁹ Id., *Ontologia: hermenêutica da facticidade*, 2012, p. 98

historicidade do ser-no-mundo, não apenas não é tratado pela tradição metafísica, mas tampouco é possível encontrar conceitos tais que possam descrever adequadamente o sentido pelo qual a designação de um ser que se encontra lançado pode acarretar definição fixa. Tampouco este aspecto da historicidade do ser-no-mundo é apontado por uma teoria do significado linguístico em modalidades de expressão pela corrente da filosofia analítica, que se compraz em descrições de situações epistêmicas em seu limite. No entanto, as considerações de Heidegger são pragmáticas em seus aspectos ontológicos e interpretativos, uma vez que as considerações de Heidegger a respeito das designações de sentenças, assim como para as definições de usos de palavras se encontram ligados com um tratamento prático (manual).

Este relacionamento com o fenômeno sem a hipostasia conceitual permite identificar a postura de Heidegger com o pragmatismo linguístico, uma vez que a representação e a hipostasia é deixada de lado, a linguagem já não é uma maneira de retratar a realidade ou a natureza²⁰, mas uma forma pela qual o ser-no-mundo descreve as suas relações com o mundo no qual se encontra inserido, e que, em suma, é um dos seus modos de interpretá-lo, utilizá-lo e de significá-lo.

152

Referências

- FREGGE, G. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Edusp, 2009.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- HEIDEGGER, M. *Ontologia: hermenêutica da facticidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. 10 Lições sobre *Heidegger*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015 (Coleção 10 lições).
- RORTY, R. *Ensaio sobre Heidegger e outros*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- RORTY, R. *A filosofia e o espelho da natureza*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- RYLE, G. Expressões sistematicamente enganadoras. In: *Ensaio/ Gilbert Ryle, John Langshaw Austin, Willard van Orman Quine, Peter Frederick*

²⁰ Rorty em seu livro *A filosofia e espelho da natureza*, descreve insistentemente na não-necessidade das representações como espelhos internos refletores da realidade.

GRUMICKER, F. A

Strawson. Tradução de Balthazar Barbosa Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Submissão: 19. 06. 2024 / Aceite: 29. 06. 2024